

MEGAN COOLEY PETERSON

A FILHA

*O que desconhecemos
não nos fere...
Até que nos destrói.*

DO

MENTIROSO

TOP
SEL
LER
#Bliss

NOMEADO
Prémio
YALSA

ATRIBUÍDO PELA
AMERICAN LIBRARY
ASSOCIATION

X

*Para a minha filha,
o mapa do meu coração,
e para quem já se tenha sentido perdido
e precisou de ser encontrado.*

1. DEPOIS

Uma cama.
Um banco à janela.

Uma secretária lascada com autocolantes de margaridas nas gavetas.

Estas coisas pertencem-me, dizem-me.

A mulher leva-me do quarto e ao longo de um corredor tão estreito que as paredes quase me esmagam. Está toda vestida de bege e não tem um pingo de maquilhagem. Tenho a bexiga apertada e não me lembro da última vez que fiz chi-chi. Os sapatos dela chiam no chão; a saia restolha. Os meus ouvidos latejam com todo aquele ruído.

A mulher abre uma porta. Paredes e chão brancos encandeiam-me, e pestanejo até os meus olhos se ajustarem. Cheira vagamente a lixívia.

— Há toalhas limpas no armário e sabonete no chuveiro. Usa tudo o que quiseres. Esta é a tua casa de banho, agora. Estás segura aqui.

Olha-me na expetativa. Não digo nada.

Finalmente, a porta fecha-se com um estalido que ecoa em toda a divisão. A urina escorre-me pelas calças antes de eu chegar à sanita.

Empino o queixo em desafio, garantindo que quem está a espiar possa ver.

A mãe e o pai disseram-me que isto podia acontecer. «O mundo pode ser um lugar mau», avisou a mãe. «Sou a única pessoa em quem podes confiar. Eu e o teu pai. Nunca te esqueças disso.»

A água fria irrompe da torneira, matraqueando no fundo da banheira. Giro a torneira para a esquerda, para a direita, mas só sai fria, não quente. O meu reflexo no metal é distorcido, inumano.

Eles modificaram isto para eu ter de tomar banho com água gelada. Pensam que sou fraca. Pensam que vou quebrar.

As calças agarram-se-me às pernas enquanto as dispo. Desaperto o colar da mãe, o da pedra verde, e pouso-o na bancada — mas a luz incide na pedra e volto a pô-lo, procurando ouvir barulho do outro lado da porta.

Quando me vejo ao espelho, mal reconheço a rapariga que me devolve o olhar. As minhas clavículas estão saídas, escuras por baixo. Os meus seios estão mais pequenos, o estômago encolheu. O cabelo cai quando o puxo.

Dizem-me que estou segura aqui. Dizem-me que agora esta é a minha família.

Mas não conheço estas pessoas. E esta não é a minha casa.

Ouçõ vezes atrás de mim, abafadas, como uma gravação transmitida ao contrário. Quando me viro para a porta, interrompem-se.

«O mundo pode ser um lugar mau.»

Convoco a voz da mãe. Conforta-me. Voltaremos a encontrar-nos, como ela prometeu.

A água escalda-me os pés, tão fria que queima.

Os mosaicos do chão são hexágonos minúsculos desaparecendo sob a banheira plana e rachada. Há frascos nas bordas da banheira, com promessas de melhor cabelo e pele mais macia. Os sabonetes bonitos da minha mãe cheiravam a alfazema e a limão.

Esfrego-me com um pano, tantas e tantas vezes que a minha pele fica rosada.

Sou a única cor na divisão.

2. ANTES

A cozinha tresanda a lixívia. Levo um dedo aos lábios e sorrio à Beverly Jean, que está sentada num banco ao lado do lava-loiça. As tias puseram uma toalha em volta dos seus ombros pequeninos, preso à frente com um alfinete. A tia Barb penteia-lhe o cabelo enquanto a tia Joan agita uma garrafa de lixívia capilar.

Os olhos da Beverly Jean oscilam como um pêndulo, observando a tia Joan a mexer o frasco para trás e para a frente.

— Posso segurar-lhe a mão? — pergunto. Como filha mais velha, cabe-me ajudar a cuidar das crianças mais pequenas. A tia Barb e a tia Joan não são exatamente maternais, e esperam que eu compense isso.

A tia Joan pousa o frasco na mesa e suspira. O seu cabelo comprido e a encanecer está preso num rolo apertado, que repuxa firmemente para trás a sua pele cor de papel crepe.

— Como queiras — disse ela. — Desde que a mantinhas calada. Sabes como o teu pai odeia quando vocês choram.

Corro para a Beverly Jean e aperto a mão dela na minha.

— Vai acabar num instantinho — sussurro. — Fecha os olhos, segura-me a mão, e vai correr tudo bem.

A Beverly Jean obedece e a tia Joan espalha-lhe o descolorante na cabeça. Quase de imediato, a pele fica vermelha. Pedi para arranjarem uma tinta menos agressiva, mas a tia diz que só há aquela.

A Beverly Jean geme. Seguro-lhe a mão com mais força e murmuro uma canção, *Chiu, Meu Bebê*, a mesma que lhe cantava quando ela era pequenina.

Quando a tia Joan acaba, a tia Barb põe-lhe uma touca de plástico sobre a pele irritada e liga um cronómetro. A tia Barb usa um longo vestido de ganga e meias de compressão. Todos os dias o mesmo.

— Quinze minutos — diz ela. — Nem um segundo menos, Piper.

As tias desaparecem pelo corredor e a Beverly Jean abre os olhos.

— Depois de lavares, esfrego-te cubos de gelo na cabeça, está bem? — prometo. — Isso ajuda sempre.

Quando o cronómetro apita, molho a mão na água do lava-loiça e encosto-a ao braço da Beverly Jean.

— Está muito quente? — Tinha aquecido uma panela de água e esperava que não tivesse arrefecido demais no lava-loiça. Não temos água canalizada, mas os canos funcionam para escoar.

— Não, está boa. Obrigada, Pip. — Quando a Beverly Jean era pequenina, não conseguia dizer o meu nome completo. Então dizia Pip, e pegou. Só me chama isso.

Ela inclina a cabeça para trás e eu lavo-lhe a lixívia do cabelo. As suas raízes, antes negras, tornaram-se brilhantes como os pintassilgos que se alimentam dos girassóis da mãe. Massajo-lhe tónico no cabelo, que não demora a ficar de um louro perfeito. Como o da mãe.

Depois de lhe limpar o cabelo com uma toalha, pego num cubo de gelo e esfrego-o nas partes inflamadas do seu couro cabeludo.

— Mereces um gelado — digo-lhe. — Que sabor queres?

— Uva!

Tiro um do molde.

— O pai e a mãe chegam daqui a algumas horas — digo à Beverly Jean. — Vão ficar tão felizes por te ver bonita.

Ela empina o nariz franzido.

— Porque é que tu e o Henry não têm de pintar o cabelo? Não é justo.

Toco no meu longo rabo de cavalo.

— Porque o nosso cabelo já é louro. A mãe quer que pareçamos uma família. Não quer que ninguém se sinta à parte, ou menos amado, ou diferente.

— Mas então e o Caspian e o Thomas?

— O pai acolheu-os, mas eles não são nossos irmãos. Não faz mal que não sejam louros. Percebes?

— Acho que sim. — A Beverly Jean morde o gelado.

Beijo-lhe a bochecha.

— Ótimo. Agora acaba o teu gelado. A seguir tenho de ajudar com o cabelo do Samuel.

X

Depois de acabarmos as descolorações, vou lá fora à procura do Caspian.

O lago enovela-se ao encontro da margem, e há pedaços de algas à superfície. Algumas das crianças mais pequenas estão a tentar apanhar um sapo com um balde. Os seus risos lavam o fedor da lixívia preso nas minhas narinas. Sorrio.

A velha montanha-russa ergue-se acima das árvores. A nossa propriedade inclui um velho parque de diversões, abandonado há 40 ou 50 anos. O pai desmantelou a maioria dos carrosséis, mas alguns permanecem. Ele disse que aquela era a localização perfeita para os filhos, longe de cidades e vilas.

Vivemos na antiga casa do guarda. Tem dois pisos com imensas janelas e soalho de madeira dura. O telhado por cima do quarto dos rapazes precisa de ser reparado e está coberto com uma grande lona azul. O pai prefere manter-nos «independentes», por isso não temos eletricidade nem água corrente. Mas há uma bomba, geradores e luz de velas. Temos tudo aquilo de que precisamos.

Não vejo as tias em lado nenhum. Devem estar a descansar antes do almoço; estão sempre a dizer-nos que somos esgotantes.

Paro diante do velho carvalho. Pregada no seu tronco está a tabuleta que o pai esculpiu a partir de um pedaço de madeira balsa.

A Comunidade é verdade.

A Comunidade é lealdade.

A Comunidade manter-te-á em segurança.

É o nosso credo, tudo o que a Comunidade representa e crê. Sempre que me sinto triste ou frustrada, leio a tabuleta. Enche-me de luz e esperança.

Quando estendo a mão para lhe tocar, uma faísca de magia pica-me o dedo.

Encontro o Cas a trabalhar numa leira de milho, arrancando as ervas daninhas com um sacho. A nossa horta

é grande, pelo menos 6 metros de comprimento, com o milho a limitar o extremo mais distante. Temos muitas culturas diferentes: alcachofra, alface, tomate, couve-flor. Os meus favoritos são os vegetais de raiz, as cenouras, as beterrabas e os nabos, que se escondem até estarem preparados para serem colhidos.

O Cas usa uma t-shirt branca e os seus ombros largos repuxam as costuras enquanto ele trabalha. Arranco-lhe o cabo das mãos.

— Ei! — diz ele, tentando recuperá-lo. — Estou a usar isso.

Eu salto, mantendo-o fora do alcance das mãos dele.

— Já trabalhaste o suficiente hoje. Preciso que contes o meu tempo.

O pai pôs uma boia a 30 metros da margem e eu tenho treinado nadar até lá e voltar. Quando chegar a guerra, tenho de estar o mais forte possível. Todas as flexões extras que fiz esta semana devem ter-me tornado pelo menos um segundo mais rápida.

Os olhos do Cas, azuis como o mar que lhe deu o nome, encontram os meus. Nunca vi um oceano na vida real, só num livro, mas a fotografia ficou-me gravada e, um dia, hei de nadar nele. As pestanas do Cas são tão negras e espessas que parece que usa rímel. É o único de nós que tem cabelo tão escuro; o irmão dele, o Thomas, tem cabelo castanho, mas o Cas tem cabelo preto, como diz que o seu pai tinha.

— Acho que a tua natação já está perfeita — diz ele.

— Vá lá — insisto. — Há duas semanas que ninguém conta o meu tempo. Tenho a certeza de que já estou mais rápida. Quero mostrar ao pai quando ele chegar. Provar-lhe que estou pronta para ser iniciada.

— Sabes que o Curtis tem orgulho em ti seja como for, Piper. És a favorita dele.

— Isso é completamente falso.

O Cas empurra-me com o ombro.

— Oh, vá lá. Quando cheguei, tinhas tanto medo que ele gostasse mais de mim do que de ti que me disseste que podia comer tantos morangos do canteiro quantos quisesse. Arranjei uma data de sarilhos por causa disso.

O pai acolhera o Caspian e o Thomas há uns anos, quando eles não tinham para onde ir. Fora obrigado a expulsar os seus pais da Comunidade, porque estes tinham introduzido drogas na reserva, mas claro que deixou os rapazes ficar — teria sido demasiado cruel permitir que o Exterior se apoderasse deles. O Thomas estava na reserva principal com o pai e a mãe há alguns meses, depois de ter sido iniciado na Comunidade, e estou ansiosa por saber tudo acerca da sua nova vida ali.

— Nunca te disse para comeres aqueles morangos, e tu sabe-lo bem! Se queres mentir, pelo menos inventa alguma coisa interessante.

Ele empurra-me na brincadeira e eu empurro-o também. O meu estômago agita-se, mas ignoro-o.

Depois ele ataca o meu ponto fraco — a pele macia do interior do meu braço. Tenta fazer-me cócegas e eu guincho e corro para o lago, a descalçar as sandálias. As crianças mais pequenas riem-se e correm atrás de nós, e pouco depois estamos todos a atirar água uns aos outros. O sol aquece-me os ombros e a água fria é um bálsamo, aliviando a dor do couro cabeludo irritado da Beverly Jean, a dor das saudades do pai e da mãe.

— Saiam já desse lago imundo!

A tia Joan está na margem, com as mãos nas ancas. Pomo-nos todos imediatamente em fila, do mais novo para o mais velho, e marchamos para casa. Somos bons a cumprir ordens.

— Estão com sorte por eu não dar uma chibatada a cada um — diz ela. — Têm de se lavar e vestir.

Quando ela não está a olhar, estendo o braço e bato no do Cas. Ele agarra-me a mão e segura-a, só por um momento, antes de a largar.

3. ANTES

Da última vez que o pai e a mãe nos visitaram, a Millie ainda não tinha começado a andar.

Eram tempos mais fáceis.

Ela solta-se de mim, nua, e foge pelo corredor, segurando o seu peluche favorito, uma girafa à qual falta uma orelha.

— Millie, volta aqui! — Corro atrás dela com a fralda lavada na mão e encontro-a junto da grande janela do corredor que dá para o lago. Ela espera sempre ali pelos pais, que devem chegar a qualquer momento.

— Millie — chamo, a tentar convencê-la. — Não queres ficar bonita para o papá e a mamã?

Ela mete um polegar na boca.

— Onde está a mamã?

— Ela e o papá estão a caminho. Anda vestir-te, e eles estarão aqui num instante.

Levo a Millie para o quarto das raparigas. A Beverly Jean já está vestida, imaculada no seu vestido vermelho-escuro com a fita branca. Está sentada na cama, vestindo uma das bonecas de papel com um vestido de baile roxo.

A Carla está debruçada sobre a mesa, a desenhar no seu caderno. Está com o vestido, mas sem fita. É alguns anos

mais nova do que eu e recentemente decidi que os vestidos são maléficos.

— Carla, para onde foi a tua fita? — Tento espreitar por cima do seu ombro e ela esconde o desenho com os braços.

— Sei lá.

— Procura no roupeiro. Não queres que as tias te vejam sem ela.

A Carla resmungo, fecha o caderno de desenho e abre as portas do roupeiro. Pontapeia para um lado um cesto de roupa suja.

— Não está aqui.

A Millie está deitada de costas e eu levanto-lhe o rabo e faço deslizar a fralda para debaixo dele. Quando está presa com alfinetes, enfio-lhe um pé, e depois o outro, nos collants. Estes esticam nas suas coxas gorduchas e receio que se rasguem. Quem inventou os collants para bebés devia ser preso.

— Nem procuraste. Por favor, Carla, faz o que te digo.

— Tu não és a mãe, sabes? — recorda-me, mas encontra imediatamente a fita na prateleira e aperta-a em volta da cintura.

— Foi assim tão difícil? — pergunto. A Carla ignora-me.

— Estás muito bonita — diz-lhe a Beverly Jean.

— Estou feia. — A Carla atira-se para cima da cama, que fica em frente à minha. — Estou uma desgraça.

— Estão ambas lindas — afirmo. Depois de pôr o vestido na Millie, entrego-a à Carla. — Tenta impedi-la de se despir outra vez — peço, despindo as minhas calças à boca de sino e a blusa em croché para pôr também o meu vestido. A tia Barb fez-nos vestidos vermelho-escuros a condizer há alguns meses, e o meu já está um pouco largo. Toda aquela natação tornou o meu corpo mais esguio, mais modelado. Mas não me queixo. A mãe adora quando estamos todos bem vestidos. O pai não aprecia vaidades, mas faz-lhe a vontade.

A tia Barb espreita da porta do quarto.

— Despachem-se. Vamos alinhar-nos lá fora.

Quando ela se vai embora, pego novamente na Millie.

— Espero que tenhas lido as tuas páginas — digo à Carla.

Ela revira os olhos, levantando o livro do pai da secretária e sacudindo-o à minha frente. Todos os ensinamentos do pai estão manuscritos e encadernados em pele. Ele sabe quando nos atrasamos na leitura.

Pela primeira vez, os rapazes chegam primeiro do que nós lá fora. Estão no relvado em frente da casa, numa fila perfeita. O Caspian endireita a gravata vermelho-escura e ajeita o cabelo. Um caracol cai-lhe para a testa e tenho vontade de lho afastar, de lhe tocar, mas as tias estão a olhar. Parecem já não aprovar a nossa proximidade. Ao lado do Cas está o Samuel, de 11 anos, e depois o Henry, de 8. Os fatos de bombazina e as gravatas a condizer são amorosos, e digo-lhes isso mesmo.

O Samuel deita-me a língua de fora.

— Eu vi isso — avisa a tia Joan.

As raparigas alinham-se ao lado dos rapazes e as tias inspecionam-nos.

A tia Barb passa um rolinho de tirar pelos no fato do Samuel e, depois, no do Caspian. A tia Joan manda o Henry tirar o chapéu de cowboy.

— Eu ter fome — choraminga a Millie, antes de se pôr a chuchar na perna da girafa.

— Já vamos comer. Agora está sossegada, por favor — digo-lhe.

Pneus chiam no cascalho e a seguir uma reluzente limusina preta entra no caminho, parando mesmo diante de nós. O condutor sai, dá a volta a correr para a parte de trás e abre a porta.

A mãe põe um pé fora do carro; usa uns sapatos de salto alto prateados, e fico ansiosa por experimentá-los mais tarde. Um leve tecido azul tomba-lhe sobre a perna enquanto ela segura a mão do condutor e sai para a luz do Sol. Traz um chapéu de palha e grandes óculos escuros. O seu cabelo louro ondulado corre-lhe pelas costas.

A mãe é a mulher mais glamorosa que já vi. Envergonha as estrelas de Hollywood. Vimos alguns filmes juntas, como *Casablanca* e *Não Há Como a Nossa Casa*, com atrizes lindas. Ela ofusca-as a todas. Detém-se quando nos vê e abre os braços.

— Meus queridos!

O Samuel e o Henry correm para ela, com a Millie a cambalear logo atrás. A Beverly Jean olha para mim, como se não soubesse se é apropriado mostrar afeição, agora que já tem 7 anos.

— Vai lá — sussurro, e ela corre.

A mãe acocora-se enquanto as crianças tombam nos seus braços abertos. Beija-as na cara e o seu riso flui sobre tudo como se fosse mel.

É sempre melhor quando ela está cá. Juro, até o céu fica mais azul.

Eu, o Caspian e a Carla permanecemos junto das tias. Depois teremos o nosso tempo com a mãe. Neste momento, os pequeninos precisam mais dela.

A mãe desliza para nós com a Millie na anca e os outros atrás dela como patinhos.

— Oh, meu Deus, tive tantas saudades de todos. — Tira os óculos escuros e beija-nos as faces. O perfume dela é novo. Mais tarde, perguntar-lhe-ei qual é. Talvez ela me deixe pôr um pouco.

— Trouxe presentes — diz a mãe, e o Henry e o Samuel dão pulos de excitação.

— Trouxe-me uma arma? — pergunta o Henry. Caracóis louros emolduram-lhe o rosto macio, e os seus olhos estão tão grandes e castanhos como os de um fauno.

A mãe pousa um joelho no chão.

— Uma arma? Para que precisas de uma arma?

— Preciso dela para matar os homens maus.

Ela sorri.

— Quando fores mais velho. — Vira-se para o Samuel, que tem sardas espalhadas no nariz grande e os dois dentes da frente em falta. — Então e tu, Sam? O que é que tu queres?

— Cartuchos novos! *Pac-Man!* Ou *Super Mario Brothers!*

— A voz dele falha e a Carla revira os olhos.

— Bondade, Carla — repreende a mãe.

A tia Joan põe-se ao lado da mãe.

— Temos café e chá preparados na sala de estar, se quiserem entrar.

— Dá-me um momento com os meus filhos. — Pega nas minhas mãos e aproxima-me dela. — Acho que foi de ti que tive mais saudades — sussurra-me ao ouvido.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas, e ela limpa-as.

— Estou tão feliz por estar aqui, mãe.

— Eu também, minha querida. Trouxe um saco de linhas para o teu croché. Lembra-me de to dar mais tarde — encontrei uns amarelos e verdes lindíssimos.

Dá um abraço à Carla, depois ao Caspian. Parece egoísta mostrar-lhe o quanto sinto a falta dela. A mãe ajuda o pai com a Comunidade — dirige empresas e faz muito trabalho de caridade. Ela está ocupada de manhã à noite e quase não dorme. Nós sabemos que ela queria estar mais tempo aqui, mas é demasiado importante.

Mas não perderei um único momento da sua visita com tristezas.

Depois de a mãe nos abraçar a todos, põe-se também na fila. Faz um aceno ao motorista, que corre para o outro lado da limusina. Abre a porta, e a cabeça do pai eleva-se sobre o preto brilhante.

A luz que se infiltra por entre as árvores ilumina o cabelo revolto do pai. Ele parece flutuar em volta da traseira do carro, com calças de linho brancas e uma camisa a condizer, e — como sempre — descalço. O seu andar é lânguido e sereno, e invejo nele a autoconfiança. Tomara ter metade da sua postura.

O pai para a alguns metros de nós. Endireitamos os ombros, numa sincronização aperfeiçoada ao longo dos anos. Ele observa-nos os rostos, em busca de algo que nunca consegui realmente perceber o que era.

— Meus filhos — diz ele após um momento. Ninguém responde, e até a Millie consegue ficar calada. — Espero que tenham passado todos bem na minha ausência e que tenham obedecido à Joan e à Barb. Quando falar com elas mais tarde, não quero ouvir nada que não seja um relato de excelência. Compreendido?

— Sim, senhor — dizemos em uníssono.

Ele relaxa muito levemente a sua expressão.

— Ótimo. Estou exausto da viagem. — O pai avança para mim. — Como estás, Piper? Tens praticado a natação?

— Todos os dias. E fiz um novo cobertor em croché para doar. — O pai faz muito trabalho filantrópico, incluindo doar os cobertores e cachecóis de croché da Comunidade a abrigos. Tento fazer pelo menos um ou dois por mês. Entristece-me que as pessoas no Exterior não cuidem umas das outras e que precisem de abrigos.

Ele beija-me o cimo da cabeça.

— Folgo em ouvi-lo. Enquanto estiver aqui, daremos um passeio, só nós os dois, e podes contar-me o que tens feito.

E então o pai avança para a casa, como um rei recuperando o seu castelo.

Após um momento, a mãe sai do estupor em que o pai, por vezes, põe as pessoas.

— Vamos, então. A mamã precisa de uma bebida!

Enquanto toda a gente segue a mãe para casa, o Thomas emerge da limusina. Eu e o Cas ficamos para trás, ansiosos por o vermos. Está todo vestido de preto e tem olheiras negras sob os olhos. O seu cabelo castanho está um pouco mais comprido. É bonito como o Caspian, mas, de certa forma, mais intenso.

— Tivemos saudades tuas — diz o Caspian, dando um abraço ao irmão. — Ainda bem que voltaste. Isto aqui não é o mesmo sem ti.

— E então? Como é a reserva? — Estou praticamente aos pulos. — Conta-nos tudo! Não omitas nada! Temos tanto orgulho em ti!

O sorriso habitual do Thomas desapareceu.

— É agradável — diz ele, sem emoção na voz. — É melhor entrarmos.

Puxo-lhe a manga.

— Vá lá, Thomas. Tens de me dizer mais do que isso!

— Digo mais tarde. Agora estou muito cansado.

Olho para o Caspian, confusa, e ele segura-me a mão. Faz sempre isto quando está nervoso, tal como eu roo as unhas. Um hábito, nada mais. Mas quando roça o polegar no meu, parece que *podia* significar mais alguma coisa. Sinto um formigueiro na pele, e não sei se devo apertá-lo com mais força ou soltá-lo.

Solto-o.

Era o que o pai queria.

O Thomas boceja.

— Tenho uma coisa para ti, Piper. — Devo ter feito uma expressão surpreendida, porque ele sorri, finalmente. — Vou levar-ta ao quarto depois de apagarem as luzes, está bem?

Ponho os braços em volta dele e ele devolve-me um grande abraço.

— Obrigada, Thomas. Estou muito contente por estares em casa.

— E eu? Esqueceste-te do *meu* presente? — O Cas faz beicinho e finge estar triste. O Thomas revira os olhos.

Entramos na sala de estar, onde as tias têm café, chá e bolinhos à nossa espera. A tia Joan traz à mãe um martini com três azeitonas, o favorito dela.

A mãe afunda-se numa poltrona fofa e tira o chapéu.

— Isto é mesmo o que precisava. Obrigada. — Leva o copo até ao nariz, fecha os olhos e inala longamente. Depois devolve o copo à tia Joan, que o despeja na relva. A mãe costumava beber antes de se juntar à Comunidade, e o pai permite esta indulgência de vez em quando, para testar a sua determinação. Beber álcool é proibido. O pai diz que o álcool nos embrutece os sentidos, nos enfraquece e abre os nossos corpos à doença.

As tias indicam-nos com um gesto que nos sentemos, e vamos para os sofás. A Millie tenta subir para o colo da mãe, mas o pai pega nela.

— A tua mãe precisa de descansar — diz ele severamente, mas a Millie esperneia e grita e a fita do seu vestido desaperta-se. O pai põe-lhe a mão na testa e fecha os olhos, tentando acalmá-la, mas não resulta. A mãe senta a Millie no colo e ata-lhe a fita.

— Então — diz ela enquanto a Millie encosta ao seu peito. — O que é que todos vocês têm feito enquanto estivemos fora? Contem-me com todos os pormenores.

O pai cerra os maxilares e aninha-se na poltrona ao lado dela. Roda a cabeça e remexe-se, como se não conseguisse ficar confortável. Tenta não o observar, mas estou a atenta a todas as suas alterações de humor. O Cas e o Thomas observam-no também, mas os mais pequenos não se ralam.

O Henry e o Samuel falam-lhe do sapo que apanharam na praia e que agora mantêm num terrário no seu quarto.

— Pusemos-lhe o nome *Capitão John Wayne!* — diz-lhe o Henry.

A Beverly diz que aprendeu a fazer tarte de maçã e que essa será a nossa sobremesa depois do jantar. Também fez um suporte para plantas em macramé. A Carla fez alguns colares de contas.

A mãe sorri.

— Estou tão orgulhosa de todos os nossos filhos. Como é que tivemos tanta sorte? — Olha para o Thomas. — E o nosso Thomas, de volta pela primeira vez depois de ter sido iniciado. Era capaz de chorar, de tanto orgulho.

O pai acena com a cabeça, aproximando-se do Thomas e dando-lhe palmadinhas nas costas.

— O Thomas é uma verdadeira mais-valia para a Comunidade. Ele está aqui para um projeto especial, meus filhos, que vos explicarei mais tarde.

— Obrigado, Curtis — diz o Thomas, mantendo os olhos no chão.

— Espero que as vossas tias não tenham sido demasiado duras convosco enquanto estivemos fora — diz a mãe.

Eu e o Caspian entreolhamo-nos. Elas são sempre demasiado duras connosco. Mas não podemos dizê-lo à mãe, e muito menos ao pai. Assim que eles se forem embora, elas fazem-nos pagar por isso.

— Mesmo nada — digo, e sorrio para a tia Barb. Ela desvia o olhar.

O pai esfrega as têmporas.

— Foi uma longa viagem, crianças, e eu e a vossa mãe precisamos de descansar. Vemo-nos ao jantar. — O pai segura o cotovelo da mãe e guia-a para o quarto, no piso de cima.

— Mantenham essas roupas imaculadas — diz a tia Joan, tirando os bolinhos da mesa antes que algum de nós consiga pegar num. — Ainda faltam algumas horas para o jantar.

— Mas os pequenos precisam de sair e gastar alguma energia — digo. — Não podem vestir as roupas normais até ao jantar?

— Sabes que a tua mãe não gostaria disso.

— Não podem pelo menos ir lá fora? Eu trato de que tenham cuidado e se mantenham limpos.

— Está bem, mas se eu vir alguma nódoa, considero-te culpada.

Ponho-me de pé e aperto-lhe a mão.

— Combinado.

Ninguém se mexe enquanto as tias não saem da sala.

4. DEPOIS

A mulher espera à porta da casa de banho. Está à conversa com alguém. Estou enrolada numa toalha, deitada no tapete da banheira, a desejar desesperadamente chupar o polegar e transportar-me para junto da mãe e do pai, dos meus irmãos e irmãs.

Um toque na porta e ela volta a entrar, consumindo todo o ar da divisão. Atrás dela, a silhueta de um homem desvanece-se.

— Não queria invadir o teu espaço — diz ela. — Mas estás aqui há mais de uma hora.

Tento limpar os olhos sem que ela veja. Recuso-me a falar. A mulher pouisa um embrulho ao meu lado no chão.

— Roupa lavada — diz ela, dando-lhe palmadinhas. — Quando estiveres vestida, anda à cozinha para tomarmos o pequeno-almoço. Fiz panquecas de mirtilo e torradas com geleia de morango. — Ela sorri, mas não lhe devolvo o sorriso.

Depois de ela sair, visto-me. Os calções afundam-se-me nas ancas e a t-shirt descai no ombro esquerdo. No peito tem a inscrição NO LIMITS em chocantes letras cor-de-rosa.

Ela não se deu ao trabalho de saber que tamanho visto — de me arranjar algo que me sirva. Esta roupa devia ser de outra pessoa.

Ponho a mão na maçaneta da porta, mas tenho medo de a girar. O cheiro a lixívia regressa, mais forte do que antes. Brilhos e zigzagues de luz cortam-me a visão.

Não me lembro de como aqui cheguei.

Estas brancas fazem-me sentir estúpida e fraca. O pai diz que conhecimento é poder. Eu não tenho conhecimento nem poder.

Saio. O corredor é um túnel escuro, por isso apalpo o caminho, sem saber para onde ir. Portas fechadas ladeiam o corredor. Giro uma das maçanetas, mas está trancada.

Estão todas.

A tropeçar pelas escadas abaixo, chego a uma sala ampla, com mais paredes brancas e mobiliário branco. Parece um hospital.

Um prisma vermelho pende de uma janela panorâmica, lançando um golpe de cor na parede em frente. Este lugar não é nada como a minha casa, onde os parapeitos das janelas estão cheios de latas antigas de *Coca-Cola* com flores silvestres.

— Tens fome? — A voz da mulher vem da minha esquerda. Está numa divisão separada por uma grande arcada e tem a mão apoiada num frigorífico.

O meu estômago ruge, uma coisa feroz, e sigo o cheiro do pequeno-almoço até uma mesa de madeira. Em cima desta está um único individual. Dois comprimidos brancos aguardam sobre um guardanapo ao lado do prato.

Empurro-os para o lado.

Mas fui sempre gulosa por torradas com geleia de morango. A mãe faz a melhor geleia de morango do mundo. Até ganhou um prémio, uma fita azul, numa feira, quando eu era pequena. Naquele dia, o seu sorriso foi o meu universo

inteiro. Ela segurou-me nos braços enquanto o pai nos fotografava, a inveja de todos os presentes.

Não como há tanto tempo que tenho pontinhos a bailar na minha visão periférica.

Quero perguntar se os mirtilos são orgânicos ou se os morangos foram infetados com DDT.

Como, mesmo assim.

Vou precisar das minhas forças. Eles não o sabem, mas vou-me embora.

X

Depois do pequeno-almoço, a mulher manda-me ir para a sala de estar. Diz que há um médico que quer ajudar-me.

A cornija da lareira está atravancada de molduras. Trançadas lá dentro estão fotografias de meninas sorridentes. Numa delas, uma menina anda de bicicleta; noutra, a mesma menina abraça uma boneca. Falta-lhe um dente da frente.

A última fotografia está amarelecida e granulosa. Uma rapariga desfocada mergulha numa piscina de crianças.

A mulher está atrás de mim, a sua respiração e o tique-taque do relógio são os únicos sons da sala. Ela pigarreja, depois aponta para o homem sentado no sofá.

— Estás pronta para começar, Piper?

O homem lambe os lábios, que são encimados por um bigode.

— Olá, Piper. Sou o Dr. Lundhagen, mas podes chamar-me Oscar, se quiseres.

Usa uma camisola de gola alta e um blazer cinzento-escuro, e ajusta um grosso relógio de ouro que traz no pulso.

O pai diz que só os tolos cobiçam a riqueza.

A mulher dá um passo hesitante na minha direção.

— O Oscar está aqui para falar contigo, Piper. Só vocês os dois. Sobre como te estás a sentir.

— Pode ser? — pergunta ele. Alguns pelos negros do nariz pendem-lhe sobre o bigode.

Encolho os ombros, mas não me mexo.

O homem olha para a mulher. Ela desaparece da sala. Uma porta abre e fecha no corredor.

Estou sozinha com o estranho.

Ele pigarreia.

— Queres sentar-te? — Aponta o lado oposto do sofá. Uma prateleira com estatuetas de porcelana ocupa a maior parte da parede ao lado deste.

Os olhos delas estão mortos.

Arrasto uma cadeira de espaldar alto através da sala e posiciono-a de uma maneira que me faz ficar sentada mesmo em frente dele. Sento-me o mais direita que consigo. Ele está afundado no sofá, abaixo de mim. Mais fraco.

— Obrigado por falares comigo, Piper. Eu sei que isto não deve ser fácil para ti.

A minha resposta é fitá-lo e permanecer em silêncio, embora me apeteça salientar que, na verdade, não lhe dirigi uma única palavra. Enrolo uma mão no meu colar e esfrego com o polegar o pingente verde. A mãe disse-me que a amazonite representa coragem. É fria ao toque, como sempre.

Ele entrelaça as mãos. Crescem-lhe pelos pretos em cada um dos grossos nós dos dedos.

Arroto um pouco, das panquecas, mas volto a engolir sem pestanejar. Os ingredientes deviam estar cheios de conservantes, infiltrando-se em todos os nutrientes das minhas células, envenenando-me.

— Como estás a ajustar-te, Piper? — As sobrancelhas levantam-lhe a testa, numa preocupação fingida. — Já estás aqui há um pouco mais de uma semana.

Uma semana? A sério?

Ele coça a nuca.

— A Jeannie diz que não tens comido muito.

Jeannie. A mulher. Odeio o som do nome dela, consoantes, vogais e mentiras engasgadas.

— O teu apetite vai voltar. Passaste por uma grande provação, Piper. É normal que te sintas desorientada e com medo. Aqui é tudo diferente e provavelmente bastante estranho. Estás em choque.

Ele olha-me, à espera que eu diga alguma coisa. Finalmente, suspira.

— Eu também devo parecer estranho. Percebo-o. Talvez possamos falar noutra altura, quando te sentires melhor. Gostava muito de te ajudar, Piper. Tudo o que me disseres ficará apenas entre nós.

O soalho do corredor range. Ela está a ouvir.

PERTURBADOR x INTENSO x VICIANTE

ELA CRESCEU NUM CULTO. O SEU PAI É O LÍDER... E UM MENTIROSO.

Chama-se Piper, tem 17 anos e é filha de um profeta. Ela obedece e respeita o pai, e por essa razão cuida das irmãs mais novas e prepara-se para o apocalipse. Porque assim foi ensinada e nunca o deve questionar.

Até ao dia em que arrancam Piper da família que sempre conheceu e a levam para o Exterior: esse mundo que lhe foi ocultado desde criança, um mundo desconhecido e longe de Caspian, o rapaz que ela ama.

Nesta nova realidade, tentam convencê-la de que o seu pai é maquiavélico, um fanático. E há uma mulher que diz ser sua mãe. Mas Piper recusa-se a aceitar e só quer fugir para regressar a casa...

**Afinal, no que deve acreditar? Nas palavras dos seus raptos?
Ou na única verdade que conhece?**

«Os leitores seguirão Piper num difícil labirinto psicológico enquanto esta tenta descortinar o que é real e imaginação.

A luta pela sua saúde mental é genuína e avassaladora.»

SCHOOL LIBRARY JOURNAL

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-259-5



9 789895 642595

Thriller